

O FANAL

CALA "MISIO BRIT
(Biblioteca Publica
THERESINA

Redactores:—Adonis R. da Cunha, J. Marques da Costa, Nereu F. Bastos e G. Galliza.

ANNO I

Theresina, 28 de fevereiro de 1915

NUM. 6

O FANAL

Somente hoje nos foi possível trazer á publicidade o 6.º numero do nosso modesto jornalzinho. Mas, para conseguirmos isto, tivemos que lutar com serias dificuldades, já combatendo, de alguma forma, os effeitos da terrível crise financeira, já com o indifferentismo com que a mór parte do nosso povo recebe uma parcella do idioma que fallamos, parcella esta devido ao esforço daquelles que não soffrem daquella «paralysia moral» de que nos falla Carlyle, citado por Bilac.

Emquanto durar esta «paralysia», todos os nossos esforços serão baldados em pròl do engrandecimento desta terra, tão falta de instrucção e, por conseguinte, do seu aperfeiçoamento.

E' preciso, pois, que abraçemos o entusiasmo da mocidade, abandonando o pessimismo—«atrophia chronica da alma»—, porque como disse o extraordinario Olavo Bilac: «o pessimismo é um creador de titeres, quando não de escravos.

Da abolição da vontade de crer, de esperar e de admirar, nasce fatalmente a renuncia de toda a liberdade; crer, esperar, admirar, são actos creadores, que affirmam o livre arbitrio, a independencia espiritual, a capacidade para a acção».

De facto. Se conseguirmos affastar este indiferentismo e

desanimo para com a nossa litteratura, só teremos que aproximarmo-nos para o perfeito conhecimento da incomparavel lingua que fallamos. Todas as coisas, quando bem orientadas, caminham para a sua perfeição; evoluem sempre e conduzir-se-ão aos caminhos da victoria.

E «O Fanal», como um campo de acção desta victoria, não sendo os seus dirigentes, os ultimos a chegar para o perfeito equilibrio e progresso da nossa terra, espera sempre o valioso concurso dos nossos patricios, certos de que não perdemos a nossa independencia, a nossa dignidade e a nossa autonomia de existencia, porque «um povo só começa a perder a sua independencia, a sua dignidade, a sua existencia autonoma, quando começa a perder o amor do idioma natal».

OS MEZES

Dezembro

Dezembro é sem duvida um mez encantador. Não tem como o de Maio, o desabrochar de todas as flores, a viridente alfombra e os poentes de rosas.

Não tem estes encantos pittorescos, porém, é um mez poetico, agradável, de manhãs claras e crepusculos ensanguentados. Em Dezembro

«O Sol é forte mas o dia é lindo...»

Em si mesmo resume tudo o que alegre, tudo o que é risinho... Os nossos corações pal-

pitam cheios de esperanças no Anno Novo.

E' o mez do Natal de Jesús. Tudo em Dezembro sorri. Dias cheios de alacridade, noites cheias de poesia...

E' o mez das Boas Festas. Em cada labio um riso purpurino, em cada olnar um brilho seductor.

E

«A gente julga que este Mundo é bom
E até se pensa
Na felicidade».

J. M.

Perfil

Si eu soubesse a linguagem das estrellas certamente com ella abrihantaria este perfil. Mas... sou humano...

Alguem, num bem escripto jornal, que por caporismo desta pobre terra já desapareceu da circulação, já trouxe correctamente a photographia da gentil irmã da minha perfilada.

Ella é meiga como o hymno dos anjos, docil como os cantos de Virginia, amavel como uma therezinense.

Filha da terra que em tempos remotos já foi humilde mas que hoje tocou ao apogeu da supremacia. Olhos azues brandos, enfeitando-lhe a luz, sympathicas olheiras que lhe dão a belleza olimpica de que se deve orgulhar.

Querida de todas, de todas elogiada e admirada.

E' modesta ao evtremo; pouco passeia, mas... gosta, ama mesmo, admira, atravez da luz electrica, as estrelas que faiscam segredando-lhe historias de sua terra, á porta de sua casa quasi banhada pelo magestoso Parnahyba. E talvez, ella saiba, melhor que tantas, comprehender o maravilhoso soneto de Bilac:

—Ora (dizeis) ouvir estrellas. Cer-
(to
Perdeste o senso!—E eu vos di-
(rei, no emtanto,
Que, para ouvil-as, muita vez
(desperto
E abro as janellas, pallido de es-
(panto...

E conversamos toda a noite, em-
(quanto
A via lactea, como um pallio a-
(berto,
Sscintilla. E, ao vir do sol, sau-
(doso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu de-
(serto.

Dizeis agora:—Tresloucado a-
(migo!
Que conversas com ellas? Que
(sentido
Tem o que dizem, quando es-
(tão comtigo?

E eu vos direi:—Amae para en-
(tendel-as!
Pois só quem ama póde ter ou-
(vido
Capaz de ouvir e de entender
(estrellas.

(Arthur).

Um drama de amor

(Continuação)

VI

A voz da justiça

A'...

A cobertura das perturbações orgánicas de Carlos; obrigam-no, a atirar-se pelos dominios da miséria, perpretando deshonras ou acclamando a desgraça. Turva-se-lhe a intelligencia. Os sentidos são semi-corrompidos e somente o coração falla. E essa voz é mais pura que a voz humana, porque ella diz a realidade, ella falla da volupia. Não são simplesmente os affagos sonoros de uma deusa; é a união de uma virgem com a impetuosidade real de um mancebo que aquelle coração reclama. E' a lubricidade que elle procura, é um ninho de castidade que elle chama. Já não é a luz esplandente de uns olhos vividos e vivos; elle tactea ás cegas é o do amor. E' onde o es-

pirito se dissipa e os beijos tomam o papel mais importante. Em vez de palavras doces, elle quer uns seios a arfarem a procura do que ha de mais puro, daquillo que o coração mais falla. E' uns braços roliços e sedosos que elle reclama; é emfim um leito de doçuras onde domine o gozo entre festins de beijos e a prepotencia subtil da realidade.

Sentado, elle encarece á Venus a sua protecção; chama por alguém que o ama, porém que não ouve suas supplicas. O coração falla e a intelligencia morre. Os seios suspiram e o coração calla. O espirito vaga e os seios despedem seus suspiros. E o lufa-lufados desejos que o impelle, é a somnancia dos affagos que o chama. São os sonhos rosados da mocidade que o perseguem, e a corôa alvissima das magnolias feitas de luar e de pedaços de céus azues que surgem e que seguem alem pelo infinito desenhando as formas macias e correntes de alguem que se lhe offerece. A intelligencia cae em lethargia, os seios dormem entre soluços de dor; e o coração sozinho, mudo e gelido como a gelidão dos tumulos, corre veloz a traz de uma borboleta azul que espadaneja o pó lucido de suas azas doiradas. E elle procura o calice sedoso das flores para sugar lhe o mel e ter vida. E essa vida é triste porque é feita de phantazia.

Essa vida é alegre porque ella se embala ao sopro da brisa que vem ligeira e macilenta dizer-lhe os segredos que aquelles calices occultam. E essa brisa vem, porém apaixonada, docil e tambem alegre e cheia de vida, vem occultar-lhe um de seus segredos; é que quando a aurora expandia seu véo ella deixava uma flor pendida, languida e extenuada com o osculo de seus beijos de noiva.

Carlos estremece, estivera quasi a sonhar e nesse sonho quasi em vida, a justiça lhe fallara; dissera-lhe que era um desgraçado, que ia roubar uma castidade, mas que em paga elle daria a vida. Morreria, sim, embora depois do gozo mais supremo, mas a morte havia de ceifar-lhe o coração quando elle mais transbordasse de amor.

Seria depois das caricias de

noiva, depois que elle sentisse a realidade e a pureza e quando nellas se quizesse atirar novamente, que a esposa dos tumulos —roubar-lhe-ia um beijo e levar-lhe-ia consigo. Seria então a morte, sua pallida companheira; com ella é que havia de brincar e em seus braços tetricos havia de dormir, embalado por sua voz moribunda.

Elle vê e sente uma lagrima lhe correr pela face e sepultar-se em seu coração. Chora, e vê desgraça. Ri, e vê a miseria. Emfim sente-se mover e lança sobre o papel estas palavras que mais eram dor e mais eram vida:

«Diva! Eu não vivo. Morro antes, porque a vida sem ti é a solidão dos tumulos. Jamais deixei de ver-te, em manhãs placidas e serenas entre o farfalhar de dores. Quando meu coração pulsa sinto um raio de agonias extremamente grande, vir esphacellar-m'-o; e então eu vejo-te a fugir com os anjos; quando os passaros cantam, minh'alma chora; ouço tua voz melodiosa e sinto-me conduzir entre chamas ardentes; quando cahe a noite, lenta e fria; os meus olhos regam um fio de lagrimas chrystallinas e é a alegria que meu coração sente; quando o mar geme entre os estertores de suas magoas eu ouço o estalido de teus beijos, são meus seios que suspiram; quando as vagas quebram-se na praia vejo teu coração transbordando amor, e teus seios arfarem; e é em vão que os procuro para os cobrir de beijos; e então quando durmo, meu leito é um tumulo onde suspiram os mortos, e esses suspiros são da morte que me procura desvendando-me um outro mundo cheio de bellezas, mas onde tú não vives; onde existem flores mas sem o perfume de teus beijos. Sonho-te na muzica sonora e languida dos passaros nos ninhos; e não te encontro; só eu vejo a morte a arranhar a minha existencia.

Vem Marietta que meu coração te chama e sem ti elle é da morte. Vem dar-me a vida com tua vida e amor com teu amor. Já não resisto, soffiro e para meu soffrimento só a luz de teus olhos; dezejo-te e quero devorar-te em

minhas ancias, em minhas crises de louco. Amo-te.

Carlos.»

Uns corvos negros como o negrume da morte, crusaram o ar e desapareceram em seus zig-zags de tetricidade. O infeliz endereçou a carta a sua amante e deitou-se. E a noite cahiu lugubre e sombria, para velar-lhe o sono de desventurado.

Adonis R. da Cunha.

(Continúa.)

Imprensa

Em permuta continuamos a receber os seguintes órgãos :

«A Estrella», importante revista litteraria e scientifica que se publica em Aracaty—Ceará, sob a direcção da insigne e competentissima jornalista Antonietta Clotilde.

«O Sonho», que se edita na cidade de Pombas em Minas.

«O Martello», de S. Luiz do Maranhão.

«O Popular», de Parnahyba deste Estado.

«O Lirio», de Floriano Piahy.

«A Palavra» de Remanso Bahia.

«O Estudante», da sociedade Machado de Assis, de S. Luiz Maranhão.

«A Nova Aurora», de Miguel Alves, deste Estado.

«O Rezedá», de Camocim, Ceará.

«A Folha Nova», de Sylvestre Ferraz, Minas.

Do Laboratorio Dauth e Lagunilha, recebemos um pacote de almanaks e alguns reclamos da casa. Gratos; faremos propaganda.

A redacção do «Martello» tem preparados todos os numeros em atrazo, de 1914. Podendo remetel-os aos assignantes logo que seja desempatado o caso dos Correios de lá com a redacção.

DR. JOSÉ DE OLIVEIRA

Com immenso pezar registamos o fallecimento deste distincto moço. O triste acontecimento deu-se em Peripery a 26 deste.

Apresentamos nossos pezares á familia do illustre morto.

A ARVORE

Erguendo ao sol de Maio a fronde avelludada,
Verde como um lençol esmeraldino, quêda,
Ella fica a banhar-se aos raios da alvorada
Na sombria mudez da sombria alameda.

Olhando o céu em cima e olhando embaixo, a estrada,
Parece que ella escuta o que o vento segreda.
Emquanto o voltijar pela copa doirada,
Busca o nectar da flôr, a phalena de sêda.

Perto, soluça o rio os seus tristes pezares,
E a alma da tarde sobre a planura dos ares
Chora quando em lethargo a natureza morre.

E á noite, sem romper a quietude do ninho,
A arvore guarda ao seio alfombrado de arminho
Os raios do luar que entre os ramos escorre

Olegario Marianno.

O DIA

Ha pouco tempo lendo o illustrado semanario que se edita em nosso meio o—«Correio de Therezina»—delle deduzi as verdades das palavras do proeminente brasileiro—Ruy Barboza; quando este factor maximo da nossa nação, dizia, (e os acontecimentos comprovam) a prostituição de character dos homens de hoje. Li e mais vezes reli, depois de deparar um coincidental artigo transcripto, da «Pacotilha» (jornal maranhense) com a epigraphie que do a este.

Tardei um pouco em dar uma satisfação plena e axiomática ao publico desta capital que, de certo está mal informado a tal respeito. «Hesitar diante do perigo, já é confessar-se vencido», diz Victor Hugo. Eis o itinerario que me arrasta á arena armado pela realidade.

Exato é que o mencionado jornal possui seu nome e renome, quer possuir, tendo como principal factor a difamação, embora assassinando a arte de Shakespeare, Rabellais,

José Virissimo e outros. Quando assim não seja, não tem aquella aonde appellar, pois estarão corrompidos os espiritos de seus redactores ou collaboradores pela politica, germen que aniquilla todo o nosso paiz e assim, moribundos, publicam no alludido jornal, um difamador artigo, onde ataca vehementemente um nucleo de moços de nossa sociedade, que, em busca do sagrado ideal das letras, em desvio da crise de corrompimento de character, fundam uma sociedade litteraria de fins unicamente humanitarios. Pensavam seus redactores ou collaboradores adquerir bom exito com o referido artigo, que, alem de desconhecerem o que é humorismo, dizem a completa inverdade. Pensarão accaso que, por habitarem um meio mais adiantado, muito credito merecerão? Pois é engano, caros leitores, elles ignoram o que é humorismo ou confundem politica com litteratura. Desculpem a pretensão, porem, ali vai o que é humorismo, seguindo Bilac: «Humorismo é uma palavra espiritual que ap

pareceu na litteratura; é o riso individual dum homem superior. O humorista pertence a uma classe especial de homens. Não é um maldizente, um difamador—é um homem superior a seu meio, um homem moralmente isolado do comum dos homens, um espirito que observa, analisa, apanha em flagrante, os defeitos, os ridiculos, os vicios, os aspectos visiveis da vida.» Portanto tudo vms. podem ser menos humoristas. Não calculam pelo vosso artigo serem superiores aos vossos risos, não acredito serem homens superiores ao vosso meio, não apanharam, não analysaram nem observaram em flagrante, os verdadeiros defeitos, vicios ou ridiculos aspectos da vida dos Congressistas de Lettras. São apenas pequenos concedores dos factos; e assim sendo, sò os posso cognominar de politiqueiros; pois é lá onde accumulam taes inconveniencias.

Um dos topicos que mais elementos me deram para este é quando o antagonista diz: «Um grupo de moços, cançado talvez do satanismo que, tão inveterado tem guiado os poétas do Piauhy, o Gomes da Silva, o João Pinheiro, o Da Costa e Silva, o Felix Pacheco, o Celso Pinheiro, etc., resolveram mudar de rumo talvez mal satisfeitos com essas legitimas glorias de sua terra e acabar com estes poétas da beira do Parnaíba. com o diabo, collocando-se sob o patronato não do capeta mas, do S. Coração de Jesus.

Nesse jornal, a cuja significação pode-se dar o qualificativo de mercadoria avariada, dissertarmos cansados do satanismo que, tão inveterado tem guiado os poetas do Piauhy

hy etc; penso ter o antagonista trocado o officio da lua com o do sol, pois sustento serem vidas satanicas as do amago da politica, da difamação a aquelles que não merecem; porque só quem assim procede tem vida satanica e a consciencia um tanto em remorsos. Cansado talvez o antagonista da ambição politica, passa a ambicionar os dons de que a natureza doutou os vultos de nossa poesia.

Entre musica sim, e não entre vosso humorismo desconcertado e offensivo, teve lugar a installação do «Congresso» e com a sciencia do governador em exercicio teve lugar a enthronização da Effigie do S. C. de Jesus. Quer o antagonista saber o motivo daquela enthronização? Quando pela religião V. S. seja hereje e não conheça a supremacia de Jesus, pelo seu saber, pela sua moral, pelos seus feitos; reconheço o sacrilegio que penso ser de V. S; e merece que o dr. Herculano Parga, vos dê 24 horas de prisão.

Precisa saber o antagonista que não somos iguaes a seu espirito para variarmos o bispo; e ignoravamos os estudantes dahi apedrejarem sagradas Effigies.

Ainda mais esta para completar a historia do Maranhão.

Historia, leitores, que, absolutamente, não póde ser incutida no cerebro de quem tenha bom senso, é que, os estudantes daqui violassem um estabelecimento publico, arrombando janellas e portas de sua secretaria, lá tirassem o que bem lhes conviesse! E' mesmo historia para *inglez ver*; pois estariamos decepcionados, presos e acho que, em perigo de vida, si, sasim fizes-

semos. Caro antagonista, nossa instrucção está muito avacalhada mas, não a ponto de desconhecermos das Instituições do Paiz.

A seu antagonista despede-se o Congressista de Lettras que sabe defender seus direitos,

Emir Silveira.

Noticiario

D. ALBORINA ELISA

DA SILVEIRA

Entre as alegrias dos que lhe são caros, verá passar a 2 de Março proximo, o seu natal, a intelligente e graciosa senhorita Alborina Silveira, irmã do nosso talentoso collaborador Emir Silveira. Certamente as flores que lhe serão offertadas serão muitas, e entre ellas, entregamos-lhe o nosso ramilhete por esse passamento alegre que certamente envolverá a sociedade Therezinense inteira.

Passou a 25 deste o anniversario natalicio do dr. Alvaro Reis, digno funcionario postal.

Vindo de Urussuhy, onde é chefe politico, acha-se em Therezina o sr. coronel Cicero Coelho.

Seguiu a 27 deste para «Bello Horizonte», o nosso collega de redacção Gervasio Galliza. Desejamos-lhe boa viagem.

O nosso patricio, telegraphista João G. Galliza, que servia na estação Central, do Rio, foi transferido para a de Juiz de Fóra, em Minas Geraes.

Está em Therezina, vindo de Livramento, onde reside, o joven B. Baptista.

Visitamol-o.

Entrou no 5.º anno de sua util e fecunda existencia, a 24 do findante, o importante organ official do Estado—«Diario do Piauhy».

Nossas felicitações.